



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião  
do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social**

**Palácio do Planalto, 02 de setembro de 2004**

Dizem que um político não pode ver um microfone, aqui tem dois, nem ir embora sem dizer uma palavra.

Na verdade, companheiro Wagner, a razão pela qual eu pedi para falar, é para dar os parabéns ao Ciro e sua equipe pelo trabalho apresentado aqui.

Eu acho que, depois dessa apresentação, todos os Conselheiros e Conselheiras percebem que nós podemos sair da fase do “achismo”, em que cada um de nós fala: “eu acho que deveria fazer isso, que deveria fazer aquilo”, para ter uma radiografia perfeita da situação do país e atacar, de forma muito objetiva, os lugares que nós entendemos que, politicamente, precisam ser definidos como áreas prioritárias de atuação do Estado brasileiro.

Essa é uma coisa muito importante, porque nos permite definir prioridades e projetos.

Durante muito tempo, discutiu-se, no Brasil, que o Nordeste e o Norte brasileiro receberam muitos recursos. E que esses recursos foram desviados. Eu estou convencido que dinheiro sem projeto não produz desenvolvimento, não produz geração de empregos, e se produz riqueza, produz para quem conseguiu o empréstimo, não produz para a sociedade como um todo.

É preciso que o dinheiro, seja ele do Estado, do orçamento ou de financiamento, seja baseado em projeto. E com base nesse estudo que vocês fizeram, fica muito mais fácil detectarmos as áreas onde temos que fazer os projetos, em alguns lugares, inclusive, já tem os projetos, para que possamos dar uma certa igualdade no desenvolvimento do Brasil.

Vira e mexe, eu vejo na imprensa uma divergência que me cheira a irracionalidade, ou seja, vira e mexe eu vejo o Sul ou o Sudeste do país



brigando pelo dinheiro do desenvolvimento para o Norte, para o Nordeste ou para o Centro-Oeste, como se fosse a mesma coisa.

A verdade é que o Sul e o Sudeste do país já tiveram, por “n” fatores, todas as vantagens comparativas para que se tornassem o que são hoje, ou seja, é onde tem as melhores estradas, é onde tem as melhores universidades, é onde tem os melhores profissionais, é onde tem mais investimento em ciência e tecnologia, é onde tem mais facilidade de escoamento da produção. Se alguém quiser perceber o que eu estou falando, é só entrar em qualquer estado brasileiro, de carro, e depois entrar em São Paulo, por exemplo. A impressão que vocês vão ter é que estão entrando num outro país, porque vocês vão perceber que muda a coloração da plantação, muda a uniformidade da plantação, muda a qualidade da estrada, muda uma série de coisas.

E, obviamente, ao longo desse tempo, o Sul e Sudeste do país receberam, pelo alto grau de desenvolvimento, recursos que vêm não do Estado, mas que vêm da qualidade do desenvolvimento regional que tiveram da década de 50 até agora.

Por outro lado, nós temos regiões, como mostrou o Ciro Gomes, que se formos pensar apenas do ponto de vista dos interesses empresariais, não vai a lugar nenhum, porque nenhum empresário vai colocar dinheiro ali se não tiver mão-de-obra qualificada, se não tiver escoamento da produção e, por conseguinte, infra-estrutura, e se não tiver um mercado muito próximo para o seu produto. Ele vai preferir sempre investir onde tem essas facilidades.

Em algumas áreas, o Estado intervém, mesmo sabendo que, num primeiro momento, do ponto de vista da economicidade, não será rentável e, portanto, o Estado tem que colocar dinheiro, até que isso possa se tornar rentável e você possa fazer parcerias para que isso possa ser administrado de forma diferente. Em algumas regiões do Nordeste isso é muito típico, em algumas regiões do Norte isso é muito típico, ou seja, se o Estado não intervir, as coisas não acontecem. E não é intervir de forma paternalista, como



historicamente foi feito no Brasil. É tentar intervir de outro jeito, tentando construir as parcerias necessárias, tentando focar corretamente o tipo de coisa que vai se fazer, para que a gente possa permitir que o Brasil não tenha um mapa tão desigual como nós vimos aí.

Então, eu acho que esse trabalho, Ciro, é um trabalho excepcional. Eu acho que agora vai facilitar a vida de todo mundo.

Numa reunião com o Ministério, eu disse que nós precisaríamos fazer a revitalização do rio São Francisco, tentar levar um pouco de água para uma parte do Nordeste. Tem gente que é contra sem saber porque é contra, tem gente que é favorável sem saber porque é favorável; tem gente que coloca isso num debate eminentemente ideológico, tem gente que coloca numa visão... ou seja, as pessoas não se dão conta que nós temos uma região onde moram milhões e milhões de brasileiros e brasileiras, que há 300 anos foram vítimas do governo da época, que detectou a seca e até agora não teve solução. Levar água para aquela gente beber, levar um pouco de água para irrigar alguma coisa; fazer com que os açudes se tornem perenes e não fiquem oscilando em função da seca, é uma revolução na região que vai produzir efeitos extraordinários daqui a 5, 6 ou 10 anos. Mas nós temos que fazer.

D. Pedro, em 1847, achava que era preciso fazer a transposição, e até hoje nós ficamos discutindo como se a água do rio São Francisco tivesse dono, quando o dono, na verdade, é o povo brasileiro. O que é grave é que nós sabemos que tem o problema da seca e da fome, na beira do rio São Francisco, porque não teve projeto de desenvolvimento naquela região. Mas isso não impede que nós levemos a água aonde as pessoas precisam.

Se nós quisermos desenvolver o Nordeste brasileiro, nós temos que criar as facilidades, porque você imagina, está pensado, durante tantos e tantos anos, uma BR-101, que eu chamo da “rodovia do turismo”, que vem do Rio Grande do Norte até Salvador que, num primeiro momento, não vai interessar ao PPP, quem sabe não tem empresários interessados em fazer



investimentos, porque ela pode não ser rentável em algum momento. Mas se o governo não fizer, ou seja, ela não vai se desenvolver nunca. Então, é uma aposta que o Estado brasileiro tem que fazer. Na hora em que você fizer a quantidade de hotéis, a quantidade de carros que vão transitar lá, isso pode permitir que você monte parcerias e que aquilo se desenvolva, para que você tenha outra política de investimento.

A Transnordestina, o Benjamin está aqui, está parada há quantos anos? Se ela foi feita há 50 anos, porque a gente não pode torná-la... “Ah, mas ela, economicamente, não é viável.” Não é viável agora. Nós vamos ficar naquela história do ovo ou da galinha, de quem nasceu primeiro? O dado concreto é que o desenvolvimento naquela região vai se dar a partir do momento em que a ferrovia estiver funcionando. Qual é o papel que o Estado tem para fazer? Eu acho que se o Estado não colocar a mão e não trabalhar, não sai, fica mais difícil.

Eu me lembro da Ferrovia Norte-Sul. Eu fui muito contra a Ferrovia Norte-Sul, em 1987, mas hoje a Ferrovia Norte-Sul é imprescindível. Se o governo não tem dinheiro, o governo precisa fazer um esforço incomensurável para garantir que essa ferrovia saia, para interligar os nossos portos, senão não acontecem as coisas no Brasil. E isso só pode ser feito se o Brasil for pensado, como o Ciro mostrou aí, globalmente, regionalmente e setorialmente, ou seja, com esse tripé de pensamento, é possível a gente dar um salto de qualidade em poucos anos, no Brasil.

Eu acho que esse trabalho vai permitir que, daqui para a frente, eu não sei se o Conselho recebeu esse estudo. Seria importante que vocês se debruçassem sobre isso, para aprimorar um pouco o conhecimento sobre a realidade brasileira. Porque, de vez em quando, nós cometemos erros por paixões. Eu, quando vejo alguém dizer: “não sei por que vai dar benefício para a região Norte do Brasil, vai dar benefício para o estado do Amazonas, vai dar



benefício não sei para quem.” A verdade é que esses estados precisam de benefícios.

Eu digo sempre o seguinte, digo para os meus companheiros do PT: “os petistas do Sul que conhecerem a Zona Franca de Manaus, vão perceber o que seria o Amazonas sem a Zona Franca.” E o fato de você criar políticas especiais para lá não significa que você está prejudicando São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina. Significa que você está querendo fazer o Brasil um pouco mais igual. Levar mais agências bancárias para lá, porque qualquer coisinha que aumente a renda, tem um desenvolvimento.

Nós estamos pensando num projeto de biodiesel para o Nordeste brasileiro que, eu acho, pode ser uma coisa excepcional, a médio prazo, para o Brasil. E o Estado tem que jogar um papel extraordinário.

Por isso, eu quero, Ciro, dizer que fiquei entusiasmado com a apresentação, pela tua competência, mas também pelo resultado do trabalho. Eu acho que agora, dentro do governo, os ministros, acho que os nossos assessores, é importante que os deputados também possam receber isso, porque aqui tem deputados do Nordeste, sobretudo o Armando.

É uma coisa contraditória. Vocês percebem que nem tudo é resolvido pela maioria, porque se for fazer o somatório no Congresso Nacional, você vai perceber que a maioria dos congressistas é do Norte e Nordeste. E dizem que eles próprios acusam que a maioria das políticas é para ajudar o Sul e o Sudeste. Então, significa que tem muito deputado do Norte e Nordeste votando nas políticas do Sul e Sudeste e não votando nas do Nordeste. E por que predomina isso? Por causa do poder de pressão, dos interesses da parte mais rica do país.

Então, eu acho normal que cada um tente, o governador, brigar pelo seu estado; o prefeito, brigar pela sua cidade, mas nós temos que brigar pelo país.

Quando eu era dirigente sindical, meu único interesse eram os metalúrgicos. O mundo, para mim, se resumia aos metalúrgicos. Agora que eu



sou Presidente, o mundo se resume ao Brasil. Então, para mim, se tiver uma fábrica no Acre ou em São Paulo, se tiver uma fábrica em Rondônia ou no Rio Grande do Sul, o que importa é que esteja no Brasil, gerando empregos para os brasileiros, gerando renda e dando certo, fazendo um mapa do Brasil um pouco mais equânime do que é hoje.

Ciro, meus parabéns pelo trabalho. Eu queria, também, dar os parabéns aos membros do Conselho, a todos do Conselho, porque nós estamos numa quinta-feira, depois de uma vitória do Corinthians sobre o Atlético Mineiro, perto de um feriado prolongado, em que muita gente já começa a preparar as malas para viajar, e vocês se dispuseram, mais uma vez, a atender ao chamamento do nosso companheiro Wagner, para discutir um assunto sobre o qual possivelmente, muita gente não tem interesse: “olha, eu quero saber do desenvolvimento do meu estado, quero saber das coisas regionais.”

Então, meus parabéns a vocês por dedicarem mais um dia da vida de vocês em benefício das discussões de coisas muito sérias para o Brasil.

Eu não vou dizer que o Brasil está bem, vocês sabem, mas eu acho que as coisas tendem a melhorar.

Armando, quanto mais otimista nós formos, mais as coisas vão dar certo neste país.

Meus parabéns e obrigado.